

economia

Tarifa atingirá quase 50% das exportações do RS

Levantamento da Fiergs aponta que 48,2% das vendas terão impacto

/ COMÉRCIO EXTERIOR

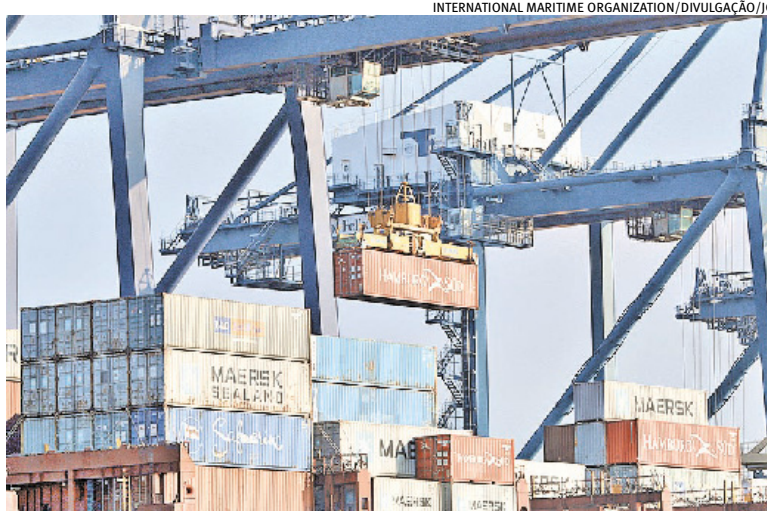
Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

A nova tarifa dos EUA aos produtos brasileiros medida deverá ter impacto sobre 48,2% das exportações gaúchas aos Estados Unidos, de acordo com estudo do Conselho de Comércio Exterior e da Unidade de Estudos Econômicos da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs). O percentual equivale a US\$ 793,8 milhões. Conforme a entidade, o documento final do USTR ampliou a lista de exceções em relação à proposta inicial, mas apenas 2% do total exportado pelo RS ao país entrou nessa cota, com destaque para alguns itens de couro e pescado.

Os Estados Unidos são o segundo maior mercado dos produtos gaúchos. E, além da tarifa de 25%, que entra em vigor em 22 de julho, há a possibilidade de que alguns segmentos, que correspondem a 36,9% dos embarques do Estado aos EUA, sejam sobretaxados em mais 12,5%. Com isso, 85,1% das comercializações do Rio Grande do Sul aos americanos estarão sob algum impacto tarifário.

Em nota divulgada à imprensa, a Fiergs manifestou apreensão com as medidas. No texto, a entidade reitera os impactos das taxas anteriores e critica a adoção de novas tarifas. Além disso, avalia que há um impacto na concorrên-



Produtos exportados aos Estados Unidos foram sobretaxados em 25%

cia brasileira em relação a outros países. "Lamentamos a decisão dos Estados Unidos porque ela penaliza a indústria brasileira e reduz a competitividade das empresas gaúchas. Embora a lista de exceções tenha sido ampliada, a maior parte das exportações continua alcançada pela medida. Além disso, a tarifa de 25% coloca o Brasil entre os países com maior custo de acesso ao mercado norte-americano, atrás apenas da China, ampliando nossa desvantagem frente aos principais concorrentes internacionais", afirmou o presidente da entidade, Claudio Bier, em material divulgado pela assessoria de imprensa.

A posição foi reforçada pelo diretor da Fiergs, Diogo Paz Bier. Para ele, a medida é muito prejudicial para a indústria em um momento em que era esperada uma

recuperação das atividades. O dirigente também diz acreditar no poder do diálogo para reverter o cenário.

Em junho, o Representante de Comércio dos EUA (USTR) concluiu a investigação conduzida com base na Seção 301 e recomendou a aplicação de uma nova tarifa adicional de 25% exclusivamente para produtos brasileiros, medida agora anunciada pelo governo norte-americano. A nova tarifa entra em vigor em 22 de julho. O ato prevê uma regra de transição para mercadorias embarcadas antes da entrada em vigor da medida, desde que ingressem para consumo nos Estados Unidos até 29 de julho.

Uma taxa complementar de 12,5% está em análise e pode ser aplicada até março do ano que vem para produtos brasileiros e de outros países.

Setor calçadista brasileiro projeta queda de 7,1% nas exportações

A Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) projeta uma retração de 7,1% no total de exportações do setor em 2026 após a confirmação de novas tarifas dos Estados Unidos, que aplicam taxas de 25% sobre produtos brasileiros. A queda das tarifas adicionais anteriores, de 40%, havia provocado uma chance de retomada ao setor, que estimava uma redução de apenas 3,6% nas comercializações com o exterior até o final do ano, com o segundo semestre compensando as perdas registradas na primeira metade.

Em nota, o presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, expressou preocupação com o novo tarifaço. "A aplicação desta tarifa adicional reduz significativamente a competitividade do calçado brasileiro nos Estados Unidos e inviabiliza muitas operações que vinham sendo retomadas desde o fim da tarifa adicional de 40%, em fevereiro deste ano. Trata-se de uma medida que penaliza não apenas os exportadores brasileiros, mas também importadores, marcas, varejistas e consumidores norte-americanos, dada a interdependência produtiva e comercial entre os dois países", avaliou.

O setor coureiro-calçadista é um dos mais dependentes das exportações aos Estados Unidos. Afinal, os EUA consomem cerca

de 2 bilhões de pares de calçado ao ano, enquanto produzem apenas 20 milhões, conforme a entidade. Nesse cenário, adquirir bastantes produtos de outros países e o Brasil é um dos principais fornecedores.

O Rio Grande do Sul é o principal exportador de calçados do País e, por isso, deverá ser especialmente impactado. Em 2024, quando as tarifas dos EUA sequer haviam sido anunciadas, dados da Federação das Indústrias do Estado (Fiergs) apontavam que o RS era responsável por 51,81% de todas as vendas de calçados do Brasil ao exterior. O setor também era, naquele ano, o segmento líder em empregos, registrando 31.555 dos cerca de 686 mil trabalhadores da indústria de transformação gaúcha.

Nesse cenário, os Estados Unidos eram responsáveis, sozinhos, por cerca de um quarto (24,26%) das exportações gaúchas de calçados. Em 2025, sob a vigência das tarifas adicionais de 40% durante o segundo semestre do ano, houve uma queda no setor de 3,74% no valor total comercializado no ano anterior com outros países e de 3,27% no volume de produtos exportados. Em 2026, a retração foi de 14,55% no valor das exportações de calçados durante o primeiro semestre e de 12,13% no volume.

Sinditabaco manifesta preocupação com tarifas dos EUA

O Sindicato da Indústria do Tabaco (Sinditabaco) emitiu nota manifestando preocupação com as novas tarifas de 25% anunciadas pelos Estados Unidos. Nela, alegou que a medida impacta diretamente a competitividade do produto brasileiro no mercado norte-americano e afeta "contratos, planejamento industrial e a renda de milhares de produtores".

Os Estados Unidos são responsáveis por 9% dos embarques de tabaco no País. O Rio Grande do Sul concentra o maior número de municípios produtores e, das suas exportações em 2024, ano anterior ao primeiro tarifaço, 8,94% foram destinadas aos EUA. O Estado é o maior produtor e exportador de tabaco do Brasil, responsável por 40% de toda a safra nacional.

O Sinditabaco estima que as tarifas de 40%, que entraram em vigor em agosto de 2025, já afetaram as exportações brasileiras

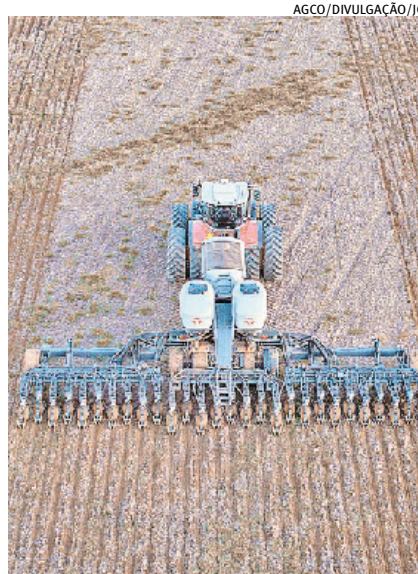
de tabaco. Foram embarcados, no acumulado do ano passado, US\$ 195,3 milhões aos EUA, uma redução de 23,4% em comparação com 2024, quando foram exportados US\$ 255 milhões de tabaco brasileiro. No primeiro semestre de 2026, o Brasil exportou US\$ 88,8 milhões para os EUA, o que representa uma redução de 31% em comparação com o período anterior. No caso do RS, dados do Panorama Comercial Brasileiro, desenvolvido pela Fiergs, demonstram uma grande queda no primeiro semestre de 2026: o volume comercializado com os Estados Unidos caiu 19,68% e o valor retraiu 24,82% em relação ao mesmo período do ano anterior. As tarifas impactam mais a variedade de Virginia, que, historicamente, representa 70% das exportações de tabaco aos EUA. Já a Burley equivale a 30% dos embarques aos Estados Unidos.

Indústria de máquinas teme queda na competitividade

O Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers) manifestou, por meio de nota, preocupação com a competitividade do setor após o anúncio da sobretaxa de 25% sobre produtos brasileiros que chegam aos Estados Unidos. A medida foi divulgada na noite de quarta-feira, 15 de julho, e começa a valer no dia 22 de julho. Hoje, o Estado concentra mais de 60% da produção nacional do segmento.

Os EUA são o terceiro principal destino das exportações de máquinas e implementos agrícolas do Rio Grande do Sul.

"A medida amplia a insegurança para um setor que tem no mercado norte-americano um de seus principais destinos de exportação e integra cadeias produtivas estratégicas entre os dois países, avalia o Simers. A entidade também considera que a indústria de máquinas e implementos agrícolas é especialmente sensível a medidas que "reduzam a competitividade dos produtos brasileiros no comércio internacional". E que as novas tarifas tendem a "aumentar custos, desestimular investimentos e enfraquecer cadeias produtivas construídas ao longo de décadas".



RS concentra 60% da produção do País